

Autenticidade em epigrafia

As inscrições de Cuba e Vila Nova da Baronia

por José d'Encarnação

São as inscrições latinas importante fonte para o estudo da romanização. Contudo — como todas as fontes históricas — necessitam de ser utilizadas de acordo com critérios rigorosamente científicos que ajuizem, antes de mais, da sua autenticidade.

Esse precisamente o objectivo que nos move, ao debruçarmo-nos sobre duas conhecidas epígrafes do Alentejo.

A inscrição de Cuba (CIL II 94)

Foi André de Resende quem primeiro se referiu a um cipo por ele visto na igreja de Cuba a 3 de Janeiro de 1573 ⁽¹⁾. Outros autores dele colheram a informação e Bayer ⁽²⁾, que visitou Cuba em 1782, diria a propósito da sua localização: «En una de las puertas de la Parroquial de este pueblo que és la que mira al medio dia, hai esta inscripcion renovada» — informação que Hübner ⁽³⁾ transcreve, acrescentando: **Cubam adii, sed titulum non vidi** — fui a Cuba e não vi a inscrição. Aliás, o próprio epigrafista alemão escreveria também: «Evanidam restituit Fr. Franciscus Iosephus de Oliveira his litteris infra adscriptis: F. I. O. R. A. D. / MDCCXXIV» — «Por estar sumida, Fr. Francisco José de Oliveira avivou-a, acrescentando-lhe estes dizeres: F. I. O. R. A. D. / MDCCXXIV». Teria havido, portanto, em 1724, uma reconstituição da epigrafe, opinião que é também perfilhada por Abel Viana ⁽⁴⁾.

Não tinha dificuldades Hübner em ver a lápide de mármore, pois efectivamente ainda hoje ela se encontra bem à vista metida na parede por sobre a porta sul da igreja matriz de Cuba.

⁽¹⁾ De *Antiquitatibus Lusitaniae*, Coimbra, 1790, tomo I, p. 292. A data é indicada por A. Viana, pois A. de Resende apenas escreve: «Cubae non procul a Pace Julia in templo cippus».

⁽²⁾ *Arqueólogo Português* XXIV, 1920, p. 130. Leite de Vasconcelos publica, neste volume, a p. 108-176, o relato de Bayer sob o título «Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782».

⁽³⁾ *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II (= CIL II), Berlim (1869), 94.

⁽⁴⁾ Museu Regional de Beja — Secção Lapidar, Beja, 1946, p. 81.

Simplemente, e esta é a primeira observação, o que lá está é uma lápide e não um cipo, vocábulo habitualmente usado por Resende e, depois, por Hübner para designar um monumento de forma paralelipipédica, tendo por vezes base, fuste (com inscrição) e capitel como as aras (votivas ou funerárias).

Por outro lado, não há ali qualquer reconstrução, mas sim uma cópia do século XVIII. Verificamos que:

1) os pontos da linha 1 estão na parte inferior da linha e não ao meio como era uso ao tempo dos Romanos;

2) há **U** maiúsculos — quando os Romanos grafavam sempre **V**;

3) não há o mínimo cuidado de paginação, estando toda a inscrição puxada à esquerda, deixando no final de cada linha (com excepção da 5.ª) um amplo espaço por ocupar.

A epígrafe apresenta-se, pois, como segue:

D. M. S.
TERENTI
US CRYSO
GONUS
ANNXXXIIHSESTTL

F. I. O. R. A. D.
MDCCXXIV



D (is) M (anibus) S (acrum) / TERENTI / US CRYSO / GONUS /
/ ANN(orum) XXXII (duo et triginta) H (ic) S (itus) E (st) S (it) T (ibi)
T(erra) L(evis) // F(ranciscus) I(osephus) O(liveira) R(efecit) A(nno)
D(omini) / MDCCXXIV.

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Terêncio Crisógono, de trinta e dois anos. Que a terra te seja leve.

Restaurado por Francisco José de Oliveira no ano do Senhor de 1724.

Por conseguinte, a actual divisão em linhas não coincide com as apresentadas por Resende, por Hübner (que copiou de Bayer) ou por Abel Viana (que, aliás, parece não ter visto o monumento). O número de anos difere também: XXXVII (Bayer, Hübner), XXXII (Resende e A. Viana). Bayer leu **Chrysogonus**.

Considerando que deve ter sido Resende o único a ver o monumento original, reconstituimos assim a inscrição:

D(is) . M(anibus) . S(acrum) / TERENTIVS CRYSO GONVS /
/ ANN(orum) XXXII / H(ic) . S(itus) . E(st) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(evis) .

Apesar de tudo o que fica dito, cremos não estar em presença de um monumento falso. Ou, dizendo doutro modo: trata-se da cópia dum monumento autêntico, que realmente existiu e depois se perdeu ou mesmo se deitou fora por já se não conhecer perfeitamente.

Esta prática, que não podemos deixar de condenar — mas que, por outro lado, permitiu que muitos monumentos romanos chegassem até nós — era usual no séc. XVIII. Temos, entre outros, o exemplo do que sucedeu em Bobadela (conc. de Oliveira do Hospital), onde também as inscrições

da «Igreja velha» foram destruídas, depois de gravadas em pedras do novo templo, uma das quais com indicação assemelhável à da matriz de Cuba: «Este letreiro se achou na Igreja Velha — 1746» (CIL II 397).

O texto da inscrição, muito simples, relativo a um indivíduo que nada tem de especial no contexto da nomenclatura latina do **Conventus Pacensis**, leva-nos também a supor que nenhum motivo haveria para André de Resende falsificar mais este documento, tanto mais que as suas indicações, extremamente sumárias, como vimos, são, a tal propósito, insuspeitas.

A epígrafe insere-se no formulário habitual das inscrições do Alentejo datáveis de fins do século II da nossa era, com as fórmulas inicial — D. M. S. — e final como era de uso nessa época.

A identificação do defunto tem, para nós, certo interesse, porquanto, além de não apresentar o **praenomen**, também não menciona a filiação, facto que nos leva a supor tratar-se ou dum **peregrinus** a quem teria sido concedido o direito de cidadania romana ou dum escravo a que fora dada a liberdade. Tanto num caso como noutro, a paternidade era omitida: a do liberto porque naturalmente deveria indicar em vez dela o seu patrono — **liberto de...** —, a do **peregrinus** porque a paternidade denunciaria a sua origem (*). Inclina-mo-nos, porém, para que se trate dum liberto, dado o cognome etimologicamente grego (**).

O gentílico **Terentius** é a única vez que surge em epígrafes do **Conventus Pacensis**: numa inscrição a Endovélico o dedicante apresenta-se com as siglas L. T. M. e Scarlet Lambrino interpreta-as duvidosamente por L. T(erentius) M(aximus) (*); a inscrição CIL II 4012, em que se refere um L. Terentius Iuvenis é dada por José Vives (*) como proveniente do Alentejo mas essa atribuição não se justifica, porquanto Hübner a coloca em Vivel (entre Sagunto e Dertosa). Temos, porém, uma **Terentia Tertulla** no Museu de Évora (CIL II 5197) e uma **Terentia C(aia) filia** a erigir uma estátua a Endovélico (Vila Viçosa, CIL II 141).

A inscrição de Vila Nova de Baronia

O caso da inscrição que se encontra na parede da casa junto à capela do Senhor dos Passos de Vila Nova de Baronia (concelho de Alvito) é bem diferente.

Foi referida pela primeira vez, ao que saibamos, por Abel Viana (*) que,

(*) Vejam-se a este propósito as considerações tecidas por Silvio PANCIERA in *Rendiconti dell'Accademia dei Lincei* (= RAL), 19, 1964, p. 323-4, no artigo «Sulla pretesa esclusione dei cittadini romani dalle flotte italiane nei primi secoli dell'impero».

(**) A respeito de indivíduos de nome grego referidos em inscrições do Sul de Portugal remetemos para o artigo de F. Bandeira Ferreira in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, II, 1958, p. 158-161..

Quanto ao facto de os libertos adoptarem com frequência cognomes de origem grega é esclarecedor o trabalho de estatística apresentado por Iiro KAJANTO in *Latomus* XXVII, 3, 1968, p. 517-534, sob o título «The Significance of Non-Latin Cognomina».

(*) *Arqueólogo Português*, III série, I, 1967, p. 170.

(*) *Inscripciones Latinas de la España Romana* (= ILER), Barcelona, 1971, 4158 = CIL II 4012.

(*) *Museu Regional de Beja*, 1946, p. 81-82.

após afirmar «foi, há pouco, avivada de negro, mas sem prejuízo dos caracteres, conforme parece», acrescenta: «Segundo opinião de um nosso ilustre epigrafista, a inscrição é de autenticidade duvidosa, podendo tratar-se de falsificação antiga».

O Prof. Fernando de Almeida (10) também de início duvidou da sua autenticidade: «A tentativa de leitura que então fizemos deixou-nos a impressão de se tratar de mais uma inscrição falsa; por isso nem sequer tentámos obter uma fotografia» (p. 377). No entanto, depois de melhor ter examinado o letreiro, afirma:

«Concluo, portanto, haver bastantes probabilidades de estarmos mais em presença de um monumento autêntico do que de um falso» (p. 380).

É a seguinte a leitura apresentada pelo Prof. Fernando de Almeida:

[...] [A] NN(orum) LV FLAM INICAE / PERPETVAE CIVITATIS MIRI / ETANORVM PVDICISSIMAE AC RE / [L] IGIOSSIMAE TEMPORIS SVI FEMINAE / [MAT] RI ET AVIAE PISSIMAE FI(lii) / [ET] NEPOTES H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis). (11)

Podemos traduzir desta sorte:

A F..., de 55 anos, flamínica perpétua da cidade dos Mirietanos, mulher pudicíssima e religiosíssima do seu tempo; os filhos e os netos à mãe e avó piedosíssima. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Para chegar à conclusão acima enunciada, D. Fernando de Almeida baseia-se nos seguintes argumentos:

1 — O desenho — correcto — das letras é diferente do das inscrições de Évora seguramente mandadas gravar por André de Resende.

2 — Aliás, o próprio A. de Resende não se refere a esta inscrição, tendo aludido às flamínicas de S. Margarida do Sado (CIL II 32 e 6*).

No entanto, o texto, ainda segundo D. Fernando de Almeida, pode sugerir a não-autenticidade:

a) o facto de aludir a «mais uma flamínica em uma área onde já haviam aparecido duas, e referidas ambas por A. de Resende» (p. 379);

b) «o excesso de superlativos e de nexos» (ibidem);

c) «o inferir-se pelo texto de ter sido feito pelo menos algum tempo depois do falecimento («temporis sui»).

Pela nossa parte, consideramos falso o monumento e inclinamo-nos mesmo a que seja obra do humanista André de Resende.

Assim, a análise externa do monumento mostra-nos

1) que o seu estado fragmentário só deixou praticamente intactas duas linhas — a 2.ª e a 3.ª — onde se incluem dois vocábulos muito importantes: CIVITATIS MIRI/ETANORVM;

(10) «Mais uma Flamínica na Baía do Sado» in Revista de Guimarães LXXX, 1970, p. 377-380.

(11) Na penúltima linha, o E de piissimae apresenta um prolongamento circular para a esquerda cujo significado não atingimos. D. Fernando de Almeida também não se lhe refere.

2) que os nexos e as inclusões de letras se assemelham flagrantemente por exemplo com a lápide a **L. Voconius Paullus** (CIL II 18*) forjada por A. de Resende e actualmente guardada no depósito do Museu Regional de Évora. Na linha 7 desta inscrição encontramos

e, na linha 11,



que já o próprio Hübner considerara «contignatio alioquin ignota» (geminção não conhecida noutra local) e cuja aproximação com os caracteres de V. N. de Baronia é perfeitamente legítima.

Por seu turno, o texto sugere-nos as seguintes observações:

1) Curiosamente, da flamínica, não é mencionado o nome, apenas a idade, como que para envolver o todo num certo véu de mistério;

2) A dedicatória, funerária, contém um grande elogio (vejam-se os superlativos) a uma mulher — elogio feito pelos seus filhos e **netos** — e destinava-se a marcar o lugar da sepultura, pois nela vem indicada a fórmula **aqui jaz**. Essa mulher teria sido **no seu tempo** «pudicíssima e religiosíssima». No seu tempo? Mas, se são os filhos que a homenageiam, ainda não passou uma geração; se foi tão ilustre, a sua recordação ainda deve estar bem viva na memória de todos; então porque **temporis sui**? Se os dedicantes fossem os próprios cidadãos da **Civitas Mirietanorum** talvez se pudesse entender; poderia ter passado mais tempo. Não é esse o caso. Aliás, o vocábulo **femina**, para além do seu carácter mais literário que epigráfico no presente contexto⁽¹²⁾, não nos parece **ligar** bem com os outros dois apostos — **mater** e **avia** — muito mais íntimos.

3) De resto, perpassa por toda a epígrafe essa tonalidade pomposamente literária, nada própria da linguagem epigráfica e que o é sem dúvida da cultura humanista. A frase **pudicissimae ac religiosissimae temporis sui feminae** (com relevo para o **ac** e para o acervo de superlativos) é disso exemplo bem evidente.

4) Para além do facto de a inscrição nos aparecer desgarrada de qualquer contexto arqueológico (não temos notícia de vestígios romanos notáveis detectados na área de Vila Nova de Baronia), há no seu texto um móbil importante para a falsificação empreendida: localizar aí a capital duma eventual tribo dos **Celtici** — os Mirietanos — povo que nenhuma fonte nossa conhecida refere. Daí estarem perfeitamente legíveis as palavras **Civitatis Mirietanorum** e completas as linhas onde elas se encontram. O resto não interessava, por isso a inscrição é apenas um fragmento: completa poderia suscitar mais dúvidas quanto à sua autenticidade.

Objectar-se-á: André de Resende não se lhe refere.

Nem era preciso — estava bem à vista, junto duma capela de tradicional devoção popular. O tempo se encarregaria de a dar a conhecer. Referir-

⁽¹²⁾ O termo é claramente decalcado da fórmula **c(larissimae) m(emoriae) f(femina)** utilizado para as damas da classe senatorial.

-se-lhe poderia ser contraproducente — A. de Resende sabia da sua actividade... (13)

* * *

Diferentes na sua totalidade, os dois monumentos apresentados permitiram-nos, pois, abordar a importante questão da autenticidade em Epigrafia. Ao debruçar-se sobre as inscrições romanas, o epigrafista, antes de entrar em generalizações, necessita de estudar criteriosamente os monumentos. As sínteses hão-de basear-se em leituras e interpretações correctas. O regresso ao monumento torna-se imperioso.

Dezembro 1976

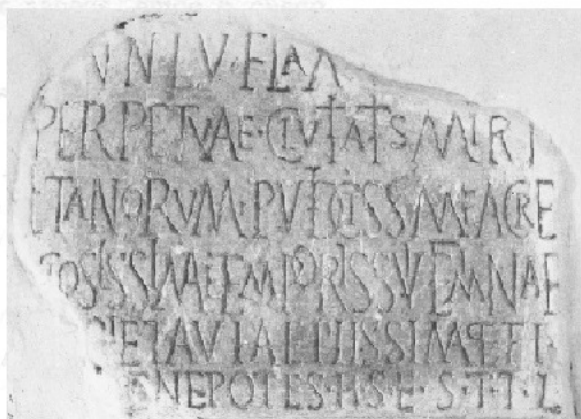


Fig. 1 - A inscrição de Vila Nova da Baronia



Fig. 2 - Cipo a L. Vocónio Paulo, existente no Museu Regional de Évora, cópia de uma pretensa inscrição romana. CIL II 18*.

(13) Realce-se, contudo, mais uma vez, que, apesar das suas «fraquezas», aliás próprias da época, A. de Resende deu importante contributo à preservação do nosso património cultural.

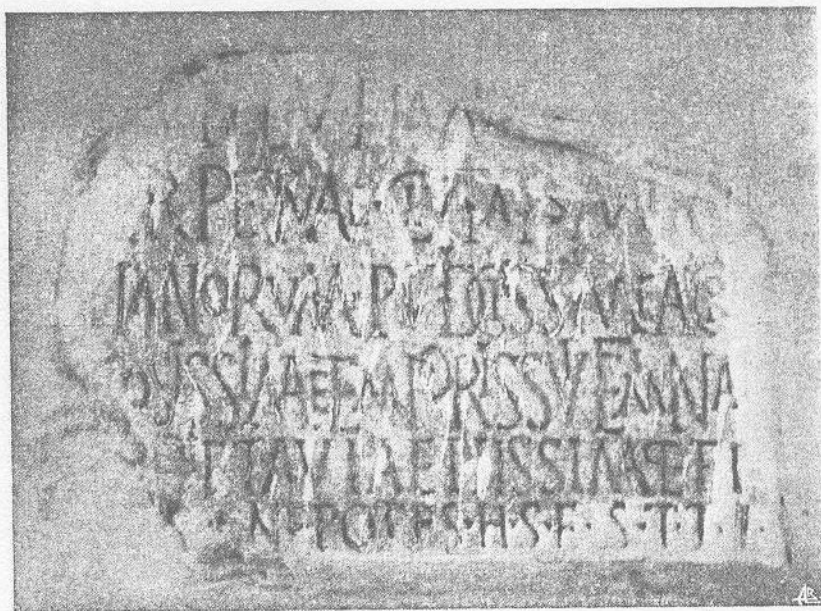


Fig. 3 — A lápide recoberta em parte com cal.

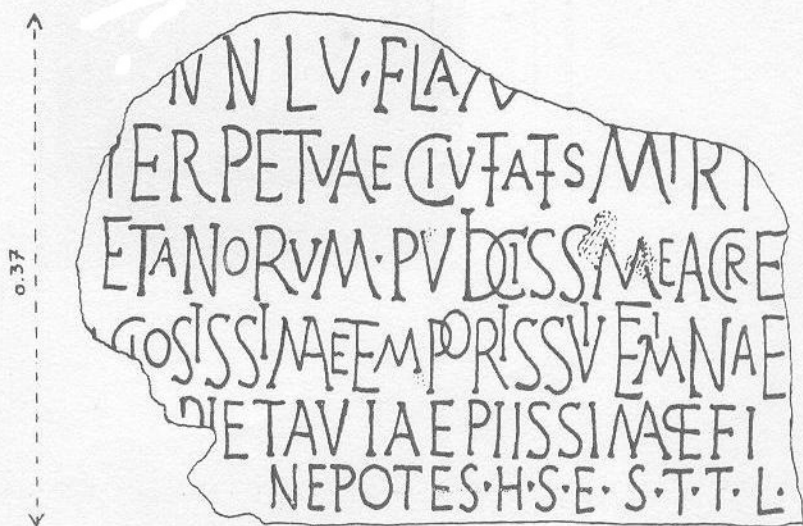


Fig. 4 — Leitura do letreiro, segundo D. Fernando de Almeida.